

PARTIDA DE UM NOVO MUNDO DÉPART D'UN NOUVEAU MONDE

Jean François PERRET

Esta manhã é uma manhã como tantas outras nesta parte do mundo. Deve ser seis horas e meia; faz uma meia hora que amanheceu. Esta manhã não é inteiramente como as outras; a claridade penetra nas barracas e mostra a dura realidade: é o fim de uma aventura.

Eis dezesseis dias consecutivos de vida em Goiás que se extinguem. A magnífica aventura, os momentos fortes, as alegrias, as penas, a tragédia, estão lá diante da entrada de meu alojamento provisório. O dilema é certo, abro a tela e tudo vira lembranças. O dever é terrível, a realidade mais ainda. São sete horas, eu me levanto.

Meus três companheiros de estrada estão ali, perto do balcão onde agita a água fervente do café da manhã. O cheiro do café, do chocolate, do pão, habitualmente nos atrai. Esta manhã, como para parar o tempo, eu como lentamente... E se tudo se imobilizasse... Pare os ponteiros, por favor. Chamada em vão, tudo se coordena como por magia, os últimos momentos são cheios de gestos comuns que nós desejaríamos eternizar, uma troca de objetos vira uma cerimônia, um punho se transforma em abraço...

O veículo se faz pesado, o espaço livre diminui, os dedos apertam os disparadores dos aparelhos fotográficos, o olhar para trás ou o olho virado para o retrovisor. Dou a partida no motor do nosso veículo que faz volta como de hábito. Acabou, nós partimos, as horas de viagem de carro e de avião vão nos levar de volta inexoravelmente para a nossa parte do mundo.

A pista é boa, cada pretexto também, para fazer uma parada para "dar uma olhada". Os raros comentários são todos baseados sobre o nosso próximo retorno; cada beleza sem dúvida aumentada pelo seu narrador é registrada pelos outros.

Ce matin est un matin comme tant d'autres dans cette partie du monde. Il doit être six heures trente, le jour est là depuis une demi-heure. Ce matin comme les autres, ne l'est pas tout à fait, la clarté pénètre dans la tente et attire la dure réalité, c'est la fin d'une aventure.

Voilà seize jours consécutifs de vie dans le Goiás qui s'éteignent. La magnifique aventure, les moments forts, les joies, les peines, la tragédie, sont là devant l'entrée de mon logis provisoire. Le dilemme est certain, j'ouvre la porte de toile et tout devient souvenir. L'obligation est terrible, la réalité encore plus, il est sept heures, je me lève.

Mes trois compagnons de route sont là, près du comptoir où frémit l'eau bouillante du petit déjeuner. L'odeur du café, du chocolat, du pain, habituellement nous attire. Ce matin, comme pour arrêter le temps, je mange lentement... Et si tout se figeait... Stoppez les aiguilles, s'il vous plaît. Appel vain, tout s'enchaîne comme par magie, les derniers moments sont remplis de gestes anodins que l'on voudrait éternels, un échange d'objets devient une cérémonie, une poignée de main se transforme en accolade...

Le véhicule s'alourdit, la place libre diminue, les doigts se bloquent sur les déclics des appareils photographiques, le regard en arrière ou l'oeil rivé au rétroviseur. Je démarre le moteur de notre véhicule qui, lui, tourne comme d'habitude. C'est fini, nous partons, les heures de voyage, en voiture, en avion vont nous ramener inexorablement dans notre partie du monde.

La piste est bonne, chaque prétexte aussi, pour faire une halte « prise de vues ». Les rares commentaires sont tous basés sur notre prochain retour, chaque beauté sans doute amplifiée par son narrateur est enregistrée par les autres.

Cada um grava o máximo de informações no mais íntimo de seus cérebros. A manhã, as cores são belas, será que vou poder guardar o azul deste céu na memória? O verde esmeralda dessas árvores? O canto deste papagaio? Fecho os olhos: está tudo lá.

Os quilômetros passam. As listras do asfalto se juntam, nós rodamos mais rapidamente, como para esquecer melhor. Agora eu quero que o tempo se acelere, rápido, rápido...

Após cinco horas de estrada, Brasília nos acolhe. A imensa casa de nossos amigos Annie e Jean Loup parece estreita, os grandes espaços de "Goiás" ressurgem, sinto saudades da "selva". Nós compramos as lembranças, que terão este ou aquele significado. O banal chapéu de palha, comprado por quase nada, terá ele também sua história, os ladrilhos de barro pintado, cujo preço será discutido, entram, por sua vez, na minha memória.

Últimos instantes, antes da partida do pássaro metálico: eles vieram, é ainda mais difícil; os amigos sinceros pegam nossa bagagem, e nos dirigem pelo templo de partida onde a separação será efetiva. Ainda algumas briguinhas, que serão de qualquer forma resolvidas; as tradicionais palavras são trocadas, não esta: desculpe-me, que não é uma tradição, mas a palavra "enfoiré" é repetida pela nossa escolta brasileira. Mais que uma palavra, uma pedaço da vida, este termo vindo à tona por *Coluche* terá aqui uma forte significação. Subitamente fico vazio, ando, subo, instalo-me, obedeço às ordens das aeromoças, a aeronave move-se, roda, levanta-se, desta vez o sol está longe, nós somos arrancados: até a vista, Brasília...

Um vôo de duas horas nos encaminha a Salvador, a capital do estado da Bahia. Escala de quatro horas sem grande possibilidade de evasão, nós desembarcamos aeroporto com serenidade, um estande de recepção para a promoção do estado da Bahia aparece à nossa frente. Duas recepcionistas interpelam-nos em português, e nossa resposta, num mal vocabulário e com sotaque francês nos designam como estrangeiros. Surpresa, uma das recepcionistas renova sua pergunta em francês:

Chacun grave le maximum d'informations dans les tréfonds de son cerveau. Le matin, les couleurs sont belles, - vais-je pouvoir garder le bleu de ce ciel en mémoire? le vert émeraude de ces arbres? le chant de ce perroquet? je ferme les yeux: tout est là.

Les kilomètres défilent. Le ruban d'asphalte est rejoint, nous roulons plus rapidement, comme pour mieux revenir. Maintenant je veux que le temps s'accélère, vite, vite...

Après cinq heures de route, Brasília nous accueille. L'immense maison de nos amis Annie et Jean Loup semble étroite, les grands espaces du « Goiás » resurgissent, la « selva » me manque. Nous achetons les gadgets, les souvenirs, qui auront telle ou telle signification. Le banal chapeau de paille, acheté pour presque rien, aura lui aussi son histoire, ces carreaux de faïence peints, dont le tarif sera discuté, rentrent à leur tour dans ma mémoire.

Derniers instants avant le départ de l'oiseau métallique: ils sont venus, c'est encore plus dur; des amis sincères prennent nos bagages et nous dirigent vers le temple des départs où la séparation sera effective. Encore quelques tracasseries, qui seront de toute façon résolues, les traditionnels mots sont échangés. Non, celui-ci, excusez-moi, n'est pas de tradition, « enfoiré » est scandé par notre escorte brésilienne. Plus qu'un mot, une tranche de vie, ce terme mis en scène par Coluche aura ici une forte signification. Subitement je fais le vide, je marche, je monte, je m'installe, j'obéis aux ordres des hôteses, l'aéronef bouge, roule, s'élève, cette fois le sol est loin, nous sommes déracinés: au revoir Brasília...

Un vol de deux heures nous achemine à Salvador la capitale de l'état de Bahia. Escale de quatre heures sans grande possibilité d'évasion, nous abordons l'aéroport avec sérénité, un stand d'accueil pour la promotion de l'état de Bahia nous fait face. Deux hôteses nous interpellent en portugais; notre réponse en mauvais vocabulaire et notre accent français nous désignent comme des étrangers. Surprise, une des hôteses, renouvelle sa question en français:

- Porque os senhores carregam estas mochilas vermelhas?

- São mochilas de transporte para nosso material espeleológico.

- Os senhores são os espeleólogos franceses do Fantástico?

Feliz de ser reconhecido, digo que sim, sem dúvida um pouco confiante, eu declaro estar com a fita de vídeo na minha bolsa de fotografia.

- Gostaria de vê-la?

Assim dito, assim feito, a fita é difundida no hall do aeroporto. Rapidamente os risos se alargam, os humores de fundem, o ambiente deste país nos toma a dar então o que pensávamos ter acabado. Os minutos se passam, o livro de ouro do estande é completado. Depois de muita conversa, avisamos às nossas duas baianas que a segunda equipe passará por lá em uma semana. Elas ficam felizes em poder acolher de novo as vedetes do pequeno cinema brasileiro. Nós avisamos a elas que Benoit é uma presa fácil de reconhecer, ele é barbudo de olhos cinzas. O nome repetido várias vezes, o cenário orquestrado, nós nos separamos de nossas recepcionistas com um presente no pulso, uma fita de tecido, amuleto típico da região. As horas são contadas de novo, um novo embarque, desta vez nenhuma escala: teremos a França no fim do vôo. A continuação do viagem deverá ser apagada e sem cor, pois o tédio nos invade. Um fiscal alfandegário do aeroporto de Roissy decidiu olhar nossa fita, mas sem videocassete. Eu traduzi que era de uma pesquisa de... Em suma, ele estava fazendo seu trabalho.

Este senhor abre nossa caixa da filmadora sem cuidado, quebra o lacre de proteção e depois de efetuado o controle, ele nos manda partir. Como diz o ditado "em casa de ferreiro, o espeto de pau", estamos na nossa boa e velha terra de França, incógnitos...

- Pourquoi portez-vous ces sacs rouges ?

- Ce sont des sacs de transport pour notre matériel spéléologique.

- Êtes-vous les spéléologues français du « Fantastico » ?

Heureux d'être reconnu, j'adresse un Oui, sans doute un peu fier. Je déclare posséder la cassette vidéo dans mon sac photo.

- Désirez-vous la voir ?

Sitôt dit, sitôt fait, la cassette est diffusée dans le hall de l'aéroport. Rapidement les rires éclatent, les boutades fusent, l'ambiance de ce pays nous rattrape alors que nous pensions en avoir fini. Les minutes passent, le livre d'or du stand est rempli. Après diverses discussions, nous signalons à nos deux Bahianaises que la deuxième équipe passera par là dans une semaine. Elles seront heureuses d'accueillir à nouveau les vedettes du petit écran brésilien. Nous leur signalons une proie facile à attraper en la personne de Benoit, il est barbu avec les yeux gris. Le prénom répété plusieurs fois, le scénario orchestré, nous nous séparons de nos hôtes avec un présent au poignet, un lien en tissu, porte bonheur typique de cette région. Les heures sont à nouveau décomptées, un nouvel embarquement, cette fois aucune rémission : ce sera la France au bout du vol. La suite du vol doit être terne et sans couleur car la morosité nous gagne. Un policier de l'air et des frontières de l'aéroport de Roissy a décidé de regarder notre cassette fétiche mais sans magnétoscope. Je traduis, à la recherche de... bref en faisant son travail.

Ce monsieur ouvre notre boîte à images sans ménagement, casse le cache de protection. Son contrôle effectué il nous ordonne de partir. Comme dit la maxime « nul n'est prophète en son pays », nous sommes sur notre bonne vieille terre de France, incognito...



Foto / Photo 19 : Lapa do Rio Angélica [Jean Loup Guyot]



Foto / Photo 20 : Lapa do Rio Angélica [Jacques Sanna].